

O renascimento do Humanismo Médico: a revolução dos médicos-pacientes

Gianni Bonadonna¹, Cicero Urban²

Este editorial foi escrito em duas partes do mundo por dois médicos que nunca conversaram pessoalmente. Dividiram aqui as suas experiências como pacientes e formadores de profissionais de saúde. O italiano, Gianni, notável por seus estudos que transformaram a história de tantos pacientes com linfoma e câncer de mama no mundo. Não existe mastologista ou oncologista que não o conheça. O brasileiro, Cícero, jovem mastologista e professor de Bioética. Ambos estão engajados hoje em quebrar a dupla cultura que se criou na formação médica. Recriar a ponte entre o humanismo e a técnica que, infelizmente, ficaram de fora na Medicina moderna.

Talvez todos os médicos, a começar por Hipócrates, creem ser imortais. Pode ser que esta seja uma forma de se libertar do que, na realidade, é apenas o medo que carregam consigo. Sabem que um dia ou outro poderá chegar a sua hora: pode ser por um acidente vascular cerebral (AVC), um infarto ou um câncer. Conhecem os problemas, como eles se formam e onde estão localizados. Exatamente por isso buscam se vacinar contra eles. E, como é notório, quem está habituado a tratar o outro tem enormes dificuldades para aceitar seu papel como paciente.

Gianni, como se vê e como se sente hoje, treze anos após o AVC? Como o veem os outros, os amigos, os colegas e as pessoas que encontra? Certamente perdeu parte de sua liberdade. Refere, por exemplo, que não poder ler ou escrever autonomamente é um castigo insuperável.

Já Cícero, por outro lado, três anos após o câncer na cabeça do pâncreas e da duodenopancreatectomia, com um diabetes precoce como seqüela, ainda se encontra acompanhado do fantasma que convive com todos os pacientes oncológicos (inclusive os seus): o medo da recidiva. Mas está bem e até se diverte ao encontrar alguns colegas que se espantam ao vê-lo ainda vivo e aparentando estar mais jovem. O tumor era muito raro e, felizmente, não era o tão temido adenocarcinoma. Caso contrário, não teria escrito estas linhas. De tanto participar de conferências bioéticas sobre os cuidados do paciente terminal, quase virou um deles aos 35 anos de idade.

No destino de suas vidas, após anos de batalha contra o câncer, estava escrito que era necessário combater também por outra medicina: aquela em que o médico está realmente próximo do paciente e conta mais do que os tratamentos por ele prescritos.

A Medicina se modificou no decorrer dos séculos e, de certo ponto de vista, também se modificaram as doenças. Hoje o médico tem à sua disposição um vasto campo de tratamentos farmacológicos, e os cirurgiões se tornaram mais audazes. Houve avanços tecnológicos importantes que, entretanto, criaram também mitos e ilusões. Ao médico, o mito de ter se tornado onipotente; ao público, a ilusão de que para cada doença exista um remédio que a cure. E, não apenas isto, curar rapidamente e sem efeitos colaterais.

A Medicina moderna deve, entretanto, se tornar uma Medicina humana. E é isto o que devemos ensinar a todos aqueles que enchem as salas das nossas universidades para se tornarem médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, fonoaudiólogos ou farmacêuticos. Durante seus estudos, devemos prepará-los pessoalmente em todos os períodos de sua formação. Ensinar sempre: nos ambulatorios, nas salas de visita e à beira do leito. Ensinar, sobretudo, com o exemplo e com os gestos cotidianos de nossa profissão, não apenas a compaixão pelo doente grave, mas a empatia

¹ Departamento de Oncologia Médica do Istituto Nazionale per lo Studio e la Cura dei Tumori; Presidente da Fundação Michelangelo Onlus Milano, Milão (Lombardia), Itália.

² Unidade de Mama do Hospital Nossa Senhora das Graças, Universidade Positivo, Curitiba (PR), Brasil.

Endereço para correspondência: Cicero Urban – Rua Rosa Saporiski, 320 – Mercês – CEP 80810-120 – Curitiba (PR) – Brasil.

por todos os doentes. E o que se entende por empatia? A emoção quase mágica do médico e a sua capacidade de demonstrar uma participação genuína nas reações emotivas dos pacientes. O médico verdadeiro, creiam, deve aprender a pensar como se fosse paciente.

Não devemos apenas saber nos comunicar de modo adequado com os nossos pacientes. Devemos também saber informar corretamente os jornalistas, que são aqueles que difundem em público os resultados de nossas pesquisas. Não podemos deixar que em suas notícias possam parecer resolvidos todos os grandes problemas das doenças crônicas, ou mesmo transparecer o sensacionalismo fácil em anúncios de pesquisas de laboratório que ainda não passaram para a clínica. Cuidar também que não sejam divulgados anúncios miraculosos de curas improvisadas e sem a devida fundamentação científica.

Então, qual é o verdadeiro papel do médico? Um antigo ditado francês diz que é preciso “tratar com frequência, curar às vezes e consolar sempre”. O médico, neste contexto, é aquele que socorre o paciente, prevenindo ou retardando uma morte prematura, mas não é necessariamente aquele que cura o doente. Com isso, o médico que é chamado a tratar uma pessoa que sofre, independentemente de qual seja a sua doença, remediável ou irreparável, não deve se sentir obrigado a atingir a cura definitiva, ainda que a cura seja parte importante de uma imagem de sucesso profissional. A sua missão consiste, sobretudo, em empenhar-se sempre com o seu conhecimento e a sua prática. Se isto resultar em cura, tanto melhor para o paciente e para ele. Mas deve sempre conservar como fundamento ético o seu papel técnico associado ao seu carisma humano, isto é, a sua dignidade profissional independentemente do resultado final.

Hoje, mais do que nunca, o relacionamento médico-paciente é uma relação dinâmica entre duas pessoas na qual o especialista socorre aquele que está adoentado. A partir do momento em que os tratamentos clínicos, cirúrgicos e radioterápicos se apoiam em dois pilares (o conhecimento científico e o humanismo) o médico coloca à disposição do paciente o próprio saber e habilidade sob a forma de intervenção ativa e compreensão humana. É como se, enquanto combate com o bisturi, com os fármacos ou com as radiações o mal físico, devesse também ajudar o doente a “reconhecer o sentido real de sua doença”. Então, dentro desta perspectiva, quem realmente é o bom médico? Aquele que merece a confiança do seu paciente.

É, portanto, indispensável equilibrar a ciência da saúde com a recuperação da arte de curar. A arte da Medicina é uma combinação de conhecimento, intuição e julgamento. Assim, a Medicina é uma arte que não tem mais fim.